

Holism: The Awakening of an Integral Consciousness

Samira Peixoto Monteiro¹;
Gislene Farias de Oliveira²

Abstract: This article discusses the human search for meaning and origin, present both in daily life and in scientific investigation. Modernity, by privileging science as the sole form of knowledge, promoted a "disenchantment" of the world, reducing it to a mechanistic vision and marginalizing knowledge considered mythical, magical, or common. However, non-hegemonic forms of knowledge continue to emerge and challenge dominant paradigms, as pointed out by Michel Foucault in his analyses of knowledge, power, and morality. Each historical moment corresponds to an epistemological field that grounds new forms of knowledge. In this context, the article proposes to reflect on the emergence of the holistic paradigm, which consolidated itself at the beginning of the millennium as an epistemological alternative capable of raising new questions and offering answers. The approach seeks revisions and reflections that point towards a planetary culture based on interdependence and the valuing of individuality, bringing together science, experience, and spirituality in an integral vision of reality.

Keywords: Holism, Paradigms, Knowledge.

Holismo: El Despertar de una Conciencia Integral

Resumen: Este artículo aborda la búsqueda humana de significado y origen, presente tanto en la vida cotidiana como en la investigación científica. La modernidad, al privilegiar la ciencia como única forma de conocimiento, promovió un «desencantamiento» del mundo, reduciéndolo a una visión mecanicista y marginando el conocimiento considerado mítico, mágico o común. Sin embargo, continúan surgiendo formas de

¹ Graduação em Matemática pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador, Especialização em Gestão Educacional com Ênfase em Psicopedagogia. Atualmente é professora da EREM Governador Muniz Falcão, Trindade, Pernambuco. Professora da Faculdade Santo Angelo (FASA), Brasil. samirapeixotomonteiro@bol.com.br;

² Graduação em Psicologia. Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutorado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC. São Paulo, Brasil. gislene.farias@ufca.edu.br.

conocimiento no hegemónicas que desafían los paradigmas dominantes, como señaló Michel Foucault en sus análisis sobre conocimiento, poder y moralidad. Cada momento histórico corresponde a un campo epistemológico que fundamenta nuevas formas de conocimiento. En este contexto, el artículo propone reflexionar sobre el surgimiento del paradigma holístico, que se consolidó a principios del milenio como una alternativa epistemológica capaz de plantear nuevas preguntas y ofrecer respuestas. El enfoque busca revisiones y reflexiones que apunten hacia una cultura planetaria basada en la interdependencia y la valoración de la individualidad, que integre ciencia, experiencia y espiritualidad en una visión integral de la realidad.

Palabras-clave: Holismo, Paradigmas, Conocimiento.

Holismo: O Despertar de uma Consciência Integral

Resumo: O artigo discute a busca humana por sentido e origem, presentes tanto no cotidiano quanto na investigação científica. A modernidade, ao privilegiar a ciência como forma única de conhecimento, promoveu um “desencantamento” do mundo, reduzindo-o a uma visão mecanicista e marginalizando saberes considerados míticos, mágicos ou comuns. Entretanto, saberes não hegemônicos continuam a emergir e desafiar os paradigmas dominantes, como apontado por Michel Foucault em suas análises sobre saber, poder e moral. Cada momento histórico corresponde a um campo epistemológico que fundamenta novas formas de conhecimento. Nesse contexto, o artigo propõe refletir sobre a emergência do paradigma holístico, que se consolida no início do milênio como alternativa epistemológica capaz de suscitar novas indagações e oferecer respostas. A abordagem busca revisões e reflexões que apontem para uma cultura planetária baseada na interdependência e na valorização da individualidade, reunindo ciência, experiência e espiritualidade em uma visão integral da realidade.

Palavras-chave: Holismo, Paradigmas, Saberes.

Introdução

Os debates em torno da emergência de novas e ressignificadas formas de análise da realidade social indicam a incessante busca dos indivíduos pelo significado de sua origem e papel no universo. O motivo de ser e estar no mundo permeia o imaginário do cientista e do homem comum. A busca por respostas para questões como: Quem sou eu? De onde eu sou? Para onde estou indo? tem sido parte do cotidiano humano desde tempos imemoriais. Os modelos explicativos criados pelo conhecimento ocidental nos tiraram das "trevas" e nos levaram à "modernidade".

Ao reconstruir a realidade social sob a perspectiva do cientificismo, ocorreu um processo de "desencantamento" que transformou seres humanos e o mundo em máquinas. Isso fortaleceu uma cosmovisão baseada na crença em um conhecimento único – o da ciência moderna – relegando outras formas de conhecimento ao místico, ao mágico, ao senso comum ou a um saber considerado inferior e não necessariamente verdadeiro. Nesse sentido, podemos pensar num controle relativo do que pode ser expressado ou revelado, num dado contexto histórico.

Apesar disso, os conhecimentos não hegemônicos surgem. São formulados, debatidos e “escapam” das estruturas dos paradigmas do campo epistemológico dominante, como nos alerta Foucault em obras provocativas e abordagens metodológicas inovadoras, representadas por uma Arqueologia do Saber e uma Arqueologia do Poder, nas quais o autor examina temas como saber, poder e moral. A Arqueologia é retratada em obras que abordam a questão do conhecimento, como "História da Loucura" (Foucault, 1961) e "Arqueologia do Saber" (Foucault, 1969).

Foucault nos recorda, especialmente na Arqueologia do Saber, que cada período histórico está associado a um campo epistemológico, ou seja, a uma configuração de conhecimentos que fundamenta o desenvolvimento de outras configurações de saberes. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo refletir sobre a emergência desses campos de conhecimento, especialmente o paradigma Holístico, que, neste milênio, tem se estabelecido como um campo epistemológico, abundante em perspectivas para oferecer respostas e gerar novas perguntas. Nesse contexto, nossa abordagem não buscou fornecer um novo conjunto organizado de discursos, mas sim abrir espaço para revisões e reflexões sobre este campo do saber. Além disso, propõe-se a considerar o surgimento de uma cultura planetária que apoie a interdependência e a individualidade dos seres que habitam nosso cosmo, (re)unindo princípios como ciência, experiência e espiritualidade.

Observe-se que, "Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição, que emergem da discursividade" (Foucault, 1979. p.172.)

O Paradigma Cartesiano-newtoniano

Entre os séculos XVI e XVII, os principais traços da cosmovisão que fundamenta nossa cultura foram gradualmente desenvolvidos. O conceito de universo orgânico (vivo e espiritual) anterior, fundamentado em Aristóteles e na Igreja, foi transformado na ideia de mundo como máquina, que predominou nas concepções da era moderna.

As mudanças resultantes das descobertas revolucionárias, particularmente na Física e na Astronomia com Copérnico, Galileu e Newton, alteraram drasticamente a maneira como as pessoas concebiam o mundo. O novo método de investigação científica de Bagon, que consistia na descrição da natureza por meio da Matemática, e o método de análise de Descartes, fundamentado no raciocínio lógico, caracterizaram os séculos mencionados anteriormente como a "Era da Revolução Científica", como declarado por Capra (1999, p. 52). O autor ainda orienta que, o antigo conceito da Terra como mãe nutriente foi radicalmente transformado nos escritos de Bagon e desapareceu completamente quando a revolução científica se encarregou de substituir a concepção orgânica da natureza pela metáfora do mundo como máquina. Essa transformação, que se tornaria de extrema relevância para o progresso subsequente da civilização ocidental, foi iniciada e concluída por duas personalidades notáveis do século XVII: Descartes e Newton.

O "dogma de fé" no conhecimento científico como uma verdade absoluta, defendido por Descartes, continua sendo o alicerce de nossa cultura ocidental, apesar das descobertas do século XX, especialmente na Física, que demonstraram que os conceitos e teorias são limitados, falíveis e sujeitos a obsolescência.

O "descobrimento" de nós mesmos como "egos isolados existentes dentro dos nossos corpos" (Capra, 1999 p. 55) foi uma consequência do legado cartesiano de separação entre mente e matéria, entre outros fatores. Um reducionismo que não apenas levou a uma visão fragmentada do ser humano, mas também introduziu uma percepção da realidade altamente fragmentada.

A crença na fragmentação das coisas e seres se fortaleceu ainda mais com o reducionismo mecanicista das teorias de Newton, que via o Universo como uma

enorme máquina. Um sistema mecânico, constituído por componentes menores que se conectavam de maneira precisa.

De acordo com Guimarães (1998), as consequências filosóficas e metodológicas dessa cosmovisão impactaram todas as áreas do conhecimento humano, incluindo Física, Biologia, Medicina, Psicologia, Economia e Política. A intensa fragmentação das especializações, o foco no racionalismo e na objetividade fria, a desconexão dos valores humanos superiores, a negligência dos sentimentos e a abordagem mercantil da competitividade na exploração da natureza, a ideologia do consumismo desenfreado, a confusão entre riqueza material e felicidade, as várias formas de exploração, entre outros aspectos, têm suas raízes filosóficas em uma suposta visão "científica" de um universo mecanicista (p.2-3).

Nesse contexto, a necessidade de entender a realidade ao nosso redor leva as pessoas a interpretar essa realidade por meio da atribuição de significados e sentidos, que não estão necessariamente fundamentados em um método de investigação científica. O conhecimento também surge da interação dos indivíduos com o mundo ao seu redor e do conhecimento interior. Esses conhecimentos são essenciais para a própria sobrevivência da humanidade. Nesse cenário, compreendemos que o saber visa revelar a realidade social e interior, adotando uma perspectiva mais ampla do que a visão científica. Um conhecimento que integre o ser humano como um todo – natureza e cosmos, corpo e mente (re)unidos, um microcosmo inserido em um macrocosmo, um todo orgânico.

O Paradigma Holístico

O paradigma holístico pode ser descrito como uma revolução epistemológica que surge como contraponto e possível resposta à tendência fragmentada e reducionista do paradigma cartesiano-newtoniano. Nesse cenário, a visão holística busca superar qualquer forma de reducionismo nos âmbitos científico, religioso, materialista, somático, antropocêntrico, mecanicista, entre outros (Weil, 1997).

A palavra "Holismo" tem origem na raiz grega "holos", que significa "o todo". De acordo com a visão holística, o ser humano e a natureza não são entidades separadas, mas sim um conjunto inseparável. Essa ideia constitui um dos fundamentos do paradigma holístico, que possui um caráter profundamente ecológico. Nesse contexto,

qualquer tipo de ataque à natureza e ao meio ambiente é considerado um ataque aos seres humanos.

O termo “holismo” surge em 1921 na obra de Jan Snutc *Holismo da Evolução*. Snutc é considerado como teórico fundador do conceito de holismo no século XX.

O pensamento holístico é guiado por conceitos originados na antiguidade, como a ideia de Heráclito de Éfeco, século VI A. C., a respeito do todo e da parte. A parte é diferente do todo, mas também é o mesmo que o todo. A essência é o todo e a parte (Guimarães, 1998). No entanto, essa cosmovisão se destacou na década de 1960 como protagonista dos movimentos contraculturais e filosóficos (movimentos frequentemente chamados de *New Age* ou Era de Aquário), que estão na vanguarda das lutas e movimentos de libertação contra a repressão étnica e sexual, nuclearismo, ecologismo, transcendência religiosa, terapias alternativas de cura e preservação da saúde física e mental, entre outros.

Esses movimentos compartilham um núcleo comum de ideias: a contestação do modelo hegemônico de sociedade baseado no paradigma cartesiano-newtoniano, que implica a dominação do “outro” por meio da força, competição e hierarquização de papéis sexuais, raciais e sociais. Esses traços de dominação estão enraizados na aceitação da ciência e da tecnologia como fundamentos essenciais da vida contemporânea, além da padronização e objetivação do ser e da realidade social, conforme abordado anteriormente.

No entanto, o Holismo se estabelece como paradigma precisamente nos pontos em que a ciência, ou mais especificamente o paradigma cartesiano-newtoniano, não é capaz de fornecer uma explicação. Nesse contexto, dois momentos significativos dessa revolução podem ser destacados: a Teoria da Relatividade de Albert Einstein e a Teoria Quântica de Max Planck. O espaço deixa de ser compreendido como tridimensional, e o tempo não é mais considerado independente.

Na neurociência, a consciência começa a ser analisada por meio de sonhos e meditação, por exemplo. Como podemos observar, o paradoxo e a incerteza do absoluto estão presentes até na física, em que o determinismo se transforma em probabilidade.

Visando facilitar a compreensão desse conceito que relaciona as partes ao todo, Guimarães (2004) estabelece uma comparação interessante com um jogo de quebra-cabeça: De maneira semelhante, as peças de um quebra-cabeça, quando isoladas, fornecem pouca ou nenhuma informação sobre o que é o quebra-cabeça. A mensagem

do quebra-cabeça só pode ser compreendida “quando observamos as peças como um todo e, de certa forma, em um nível em que elas não são mais percebidas como peças (p.10). Da mesma forma, acreditamos que o meganigismo reducionista e fragmentador do paradigma newtoniano-cartesiano já cumpriu seu papel. Acreditamos que, após três séculos de ênfase na análise, é hora de começarmos a desenvolver um modelo que também incentive a síntese. O mecanicismo científico enxerga o universo como uma grande máquina determinística, enquanto o holismo, embora reconheça as características "mecânicas" presentes na natureza, o vê como uma rede de interações orgânicas e dinâmicas.

Nesse contexto, temos um modelo que explica a realidade com base no conceito de relação, em vez do conceito de análise, que é menos abrangente. Nesse cenário, não apenas os componentes do objeto/realidade a ser estudada são relevantes; também é crucial a maneira como se desenvolve toda essa interação com os componentes, uma vez que o todo possui elementos que, frequentemente, vão além da simples soma das partes. Essa concepção leva à criação de um modelo explicativo da realidade que busca a síntese.

Considerações Finais

Em suma, podemos concluir que a principal ideia do paradigma Holístico é a crença na necessidade de um novo modo de ser e viver, juntamente com a convicção de que cada pessoa tem um potencial maior do que o que utiliza. Quando nos transformamos como indivíduos, a sociedade como um todo também se transforma. Essa concepção é oposta aos excessos da civilização tecnológica e consumista, que ameaçam o bem-estar e a saúde das pessoas, da sociedade e do planeta.

O Holismo, de grande importância para a ciência e preservação da vida no planeta, se consolida com o surgimento de novas teorias científicas, que transformam a visão do universo físico, como a teoria da relatividade e a mecânica quântica. Essas teorias apresentam analogias e paralelos com as antigas filosofias místicas do Oriente e Ocidente.

Estamos perante um novo paradigma científico, cuja perspectiva global e integradora – que considera o todo e as partes simultaneamente, examinando o universo

como um todo em cooperação harmoniosa – indica a necessidade de superar a visão de mundo fragmentada atual.

Referências

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. O poder como construtor do sujeito: breve incursão ao universo microfísico de Mighe Fougault. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos de sociologia da UFPB**, João Pessoa:Universidade Federal da Paraíba, n.2, jun. 2002. p. 33.

FOUCAULT, Mighe. **Microfísica do poder**. 10. ed. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro:Eraal, 1979. p.172.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Plon, 1961.

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. **O novo paradigma holístico**. Disponível em:<http://www.geocities.com/vienna/2809/transpessoal.html>. Acesso em 15 de mar. 1998.

. **O novo paradigma ecológico-holístico**: uma nova forma de perceber o mundo. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/garlos.guimaraes/>. Acesso em 14 maio 2004.

WEIL, Pierre. **Sementes para uma nova era**: um livro de emergência para uma situação de emergência. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

●

Recebido: 12/06/2026; Aceito: 21/06/2026; Publicado: 30/06/2026